

TEXTO No. 8: "FORA DA VIDA"

Natureza e data do texto:

Crônica de Olavo Bilac com o título acima, datada de 1908 e publicada também no livro *Ironia e Piedade*, em 1916 (Rio de Janeiro, Francisco Alves). Apud ZYLBERBERG, *Opus cit.*, pp.109-110.

Texto:

“Perco-me muitas vezes, por dever profissional, visitando escolas, no alto destes morros que intumescem de espaço a espaço a topografia do Rio de Janeiro – Conceição, Pinto, Livramento, confusos dédalos de ladeiras íngremes, em que se acastelam e equilibram a custo casinhas tristes, de fachadas roídas e janelas tortas, cujo conjunto dá a impressão de um asilo de velhas desamparadas e inválidas, encostando-se e aquecendo-se umas às outras.

É uma cidade à parte...

O Rio já é uma aglomeração de várias cidades, que pouco a pouco se vão distinguindo, cada uma adquirindo uma fisionomia particular e uma certa autonomia de vida material e espiritual. O bairro de Copacabana, por exemplo, um bairro nascido ontem, já tem a sua população fixa, o seu comércio, os seus passeios, os seus clubes – e até o seu jornal, **O Copacabana**, uma folha diária cujos redatores escrevem gravemente ‘os interesses de Copacabana’, como escreveriam ‘os interesses de Roma, ou de Berlim, ou de NY’.

Mas de todas as cidades, que formam a federação das urbes cariocas, a mais original é a que se alastra pelos morros da zona ocidental, e onde vive a nossa gente mais pobre, denso formigueiro humano, onde habitualmente se recruta o pessoal barulhento das bernardas (revoltas), de motins contra a vacinação obrigatória, contra o aumento do preço das passagens dos bondes, contra a fixação do preço máximo das carroças.

É essa a mais original de nossas subcidades (...) a mais original e a mais triste. Algumas ladeiras desses morros não conheceram nunca, por contato, ou sequer de vista, uma vassoura municipal. Em muitas delas, apodrecem lentamente ao sol, durante semanas e semanas, sob nuvens de moscas, cadáveres de galinhas e de gatos. E as faces humanas que por lá se encontram têm quase todas esse ar de apática indiferença que vem do largo hábito da miséria e do desânimo.

Indiferença por tudo, pelo prazer e pelo sofrimento, pela vida e pela morte...

Há nesses morros muita gente que nada sabe do que se passa cá embaixo, e cujo espírito só tem como horizonte vital o espaço limitado por duas ou três ladeiras tortuosas e sujas.

Há poucos dias, no morro da Conceição, lá no alto, encontrei uma velha mulher, lavadeira, que não vem ao Centro da cidade há trinta e três anos ! Trinta e três anos – toda uma existência !

Foi ali morar, em 1874 e ali tem vivido, sem curiosidade, sem desejos, sem aspirações, ganhando o minguido pão, vendo todos os dias

as mesmas pessoas, dormindo todas as noites o mesmo sono, sem compreender a significação do barulho que estronda na planície – conflitos, festas, tragédias, apoteoses, revoluções, lutos, glórias, desgraças. Fizemos cá embaixo a Abolição e a República, criamos e destruimos Governos, passamos por períodos de vacas gordas e por períodos de vacas gordas e por períodos de vacas magras, mergulhamos de cabeça para baixo no sorvedouro do ‘Encilhamento’, andamos beirando o despenhadeiro da bancarrota, rasgamos em avenidas o velho seio urbano, trabalhamos, penamos, gozamos, deliramos, sofremos – vivemos. E, tão perto materialmente de nós, no seu morro, essa criatura está lá trinta e três anos tão moralmente afastada de nós, tão separada de fato da nossa vida, como se, recuada no espaço e no tempo, estivesse vivendo no século atrasado, e no fundo da China ou da Austrália...

Não sei se é desgraça ou felicidade isso. Talvez seja felicidade: vibrar é sofrer; quando não é sofrer, é fazer sofrer; e essas criaturas apagadas e tristes, apáticas e inexpressivas, que vivem fora da vida, se não têm a glória de ter praticado algum bem, podendo [sic] ao menos ter o consolo de não ter praticado mal nenhum, consciente ou inconscientemente...

TEXTO No. 9: "OS LIVRES ACAMPAMENTOS DA MISÉRIA"

Natureza e data do texto:

Texto de João do Rio, o controvertido jornalista e escritor que nos deixou brilhantes relatos da vida cotidiana dos cariocas, muitas vezes descrita com um misto de fascínio e horror, como nesta crônica acerca do morro de Santo Antônio. Publicada em *Vida Vertiginosa*, 1917, apud *Histórias da Gente Alegre*, Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.pp.79-84

“Certo já ouvira falar das habitações do morro de Santo Antônio, quando encontrei, depois da meia-noite, aquele grupo curioso – um soldado sem número no boné, três ou quatro mulatos de violão em punho. Como olhasse com insistência tal gente, os mulatos que tocavam, de súbito emudeceram os pinhos, e o soldado, que era um rapazola gigante, ficou perplexo, com um evidente medo. Era no Largo da Carioca. Alguns elegantes nevrálgicamente conquistadores passavam de ouvir uma companhia de óperas italiana e paravam a ver os malandros que me olhavam e eu que olhava os malandros num evidente início de escandalosa simpatia. Acerquei-me.

- Vocês vão fazer uma seresta ?
- Sim senhor.
- Mas aqui no largo ?
- Aqui foi só para comprar um pouco de pão e queijo. Nós moramos lá em cima, no morro de Santo Antônio...

Eu tinha do morro de Santo Antônio a idéia de um lugar onde pobres operários se aglomeravam à espera de habitações, e a tentação veio de acompanhar a seresta morro acima, em sítio tão laboriosamente grave.

Dei o necessário para a ceia em perspectiva e declarei-me irresistivelmente preso ao violão. Graças aos céus não era admiração. Muita gente, no dizer do grupo, pensava do mesmo modo, indo visitar os seresteiros no alto da montanha.

- Seu tenente Juca – confidenciou o soldado – ainda ontem passou a noite inteira com a gente. E ele quando vem, não quer continência nem que se chame de seu tenente. É só Juca... Vossa Senhoria também é tenente. Eu bem que sei...

Já por esse ponto da palestra nós íamos nas sombras do Teatro Lírico. Neguei francamente o meu posto militar, e começamos a subir o celebrado morro, sob a infinita palpação das estrelas. Eu ia à frente com o soldado jovem, que me assegurava do seu heroísmo. Atrás o resto do bando tentava cantar uma modinha a respeito de uns olhos fatais. O morro era como outro qualquer morro. Um caminho amplo e maltratado, descobrindo de um lado, em planos que mais e mais se alargavam, a iluminação da cidade, no admirável noturno de sombras e luzes, e apresentando de outro as fachadas dos prédios familiares ou as placas de edifícios públicos – um hospital, um posto astronômico. Bem no alto, aclareada ainda por um civilizado lampião a gás, a casa do doutor Pereira Reis, o matemático professor. Nada de anormal e nem vestígio de gente.

O bando parou, afinando os violões. Essa operação foi difícil. O cabrocha que levava o embrulho do pão e do queijo, embrulho a desfazer-se, estava no começo de uma tranqüila embriaguez, os outros discutiam para onde conduzir-me. O soldado tinha uma casa. Mas o Benedito era o presidente do Clube das Violetas, sociedade cantante e dançante com sede lá em cima. Havia, também, a casa do João Rainha. E a casa da Maroca ? Ah! mulher! Por causa dela já o jovem praça levava três tiros... Eu olhava e não via a possibilidade de tais moradas.

- Você canta, tenente ?
- Canto, mas vim especialmente para ouvir e ver o samba.
- Bom. Então, entremos.

Desafinadamente, os violões vibraram. Benedito cuspiu, limpou a boca com as costas da mão, e abriu para o ar sua voz áspera:

*O morro de Santo Antônio
Já não é morro nem nada...*

Vi, então, que eles se metiam por uma espécie de corredor encoberto pela erva alta e por algum arvoredos. Acompanhei-os, e **dei num outro mundo. A iluminação desaparecera. Estávamos na roça, no sertão, longe da cidade. O caminho, que serpeava descendo, era ora estreito, ora largo, mas cheio de depressões e buracos. De um lado e de outro casinhas estreitas, feitas de tábuas de caixão com cercados, indicando quintais.** A descida tornava-se difícil. Os passos falhavam, ora em bossas de relevo, ora em fundões perigosos. O próprio bando descia devagar. De repente parou, batendo a uma porta.

- Epa, Baiano! Abre isso...
- Que casa é esta ?
- É um botequim.

Atentei. O estabelecimento, construído na escarpa, tinha vários andares, o primeiro à beira do abismo, o outro mais embaixo sustentado por uma árvore, o terceiro ainda mais abaixo, na treva. Ao lado uma cerca, defendendo a entrada geral de tais casinhotos. De dentro uma voz indagou quem era.

- É o Constanço, rapaz, abre isso. Quero cachaça.

Abriu-se a porta lateral e apareceu primeiro o braço de um negro, depois parte do tronco e finalmente o negro todo. Era um desses tipos que se encontram nos maus lugares, muito amáveis, muito agradáveis, incapazes de brigar e levando vantagem sobre os valentes. A sua voz era dominada por uma voz de mulher, uma preta que de dentro, ao ver quem pagava, exigiu logo seiscentos réis pela garrafa.

- Mas, seiscentos, dona...

- À uma hora da noite, fazer o homem levantar em ceroulas, em isco de uma constipação...

Mas, Benedito e os outros punham em grande destaque o pagador da passeata daquela noite, e, não resistindo à curiosidade, eles abriram a janela da barraca, que ao mesmo tempo serve de balcão. Dentro ardia, sujamente, uma candeia, alumando prateleiras com cervejas e vinhos. O soldadinho, cada vez mais tocado, emborcou o copo para segredar coisas. O Baiano saudou com ar de quem já foi criado de casa rica. **E aí parados enquanto o pessoal tomava Parati como quem bebe água, eu percebi, então, que estava numa cidade dentro da grande cidade.**

Sim. É o fato. **Como se criou ali aquela curiosa vila de miséria indolente ? O certo é que hoje há, talvez, mais de quinhentas casas e cerca de mil e quinhentas pessoas abrigadas lá em cima. As casas não se alugam. Vendem-se. Alguns são construtores e habitantes, mas o preço de uma casa regula de quarenta a setenta mil-réis. Todas são feitas sobre o chão, sem importar as depressões do terreno, com caixões de madeira, folhas de Flandres, taquaras. A grande artéria da *urbs* era precisamente a que nós atravessávamos. Dessa, partiam várias ruas estreitas, caminhos curtos para casinhotos oscilantes, trepados uns por cima dos outros. Tinha-se, na treva luminosa da noite estrelada, a impressão lida na entrada do arraial de Canudos, ou a funambulesca idéia de um vasto galinheiro multiforme. Aquela gente era operária ? Não. A cidade tem um velho pescador, que habita a montanha há vários lustros, e parece ser ouvido. Esse pescador é um **chefe**. Há um intendente geral, o agente Guerra, que ordena a paz em nome do doutor Reis. O resto é cidade. Só na grande rua que descemos encontramos mais dois botequins e uma casa de pasto, que dá ceias. Estão fechadas, mas basta bater, lá dentro abrem. Está tudo acordado e o Parati corre como não corre a água.**

Nesta empolgante sociedade, onde cada homem é apenas um animal de instintos impulsivos, em que ora se é muito amigo e grande inimigo de um momento para outro, as amizades só se demonstram com uma exuberância de abraços e de pegações e de segredinhos assustadora – **há o arremedo exato de uma sociedade constituída. A cidade tem mulheres perdidas, inteiramente da gandaia.** Por causa delas tem havido dramas. O soldadinho vai-lhes à porta, bate:

- Oh, Alice ! Alice cachorra, abre isso ! Vai ver que aí está o cabo ! Eu já andei com ela três meses.

- Que admiração, gente! ... Todo o mundo !

Há casas de casais com união livre, mulheres tomadas. As serenatas param-lhes à porta, **há raptos e, de vez em quando, os amantes surgem rugindo, com o revólver na mão.** Benedito canta à porta de uma:

*Ai! Tem pena do Benedito
Do Benedito Cabeleira.*

Mas também há casas de famílias, com meninas decentes. Um dos seresteiros, de chapéu panamá, diz de vez em quando:

- Deixemos de palavrada, que aqui é família !

Sim, são famílias, e dormindo tarde porque tais casas parecem ter gente acordada, e a vida noturna ali é como uma permanente serenata. **Quase todos são operários, ‘mas estão parados’.** Eles devem descer à cidade, e arranjar algum cobre. **As mulheres, decerto, também descem para apanhar fitas nas casas de móveis, amostras de café na praça – ‘troços por aí’.** E a vida lhes sorri e não querem mais e não almejam mais nada. Como Benedito fizesse questão, fui até a sua casa, sede também do clube das Violetas de que é presidente. Para não perder tempo, Benedito saltou a cerca do quintal e empurrou a porta, acendendo uma candeia. Eu vi, então, isso: um espaço de teto baixo, separado por uma cortina de saco. Por trás dessa parede de estopa, uma velha cama, onde dormiam várias damas. Benedito apresentou vagamente:

- Minha mulher.

Para cá da estopa, uma espécie de sala com algumas figurinhas nas paredes, o estandarte do clube, o vexilo das Violetas embrulhado em papel, uma pequena mesa, três homens moços roncando sobre a esteira de terra fria ao lado de dois cães, e, numa rede, tossindo e escarrando, inteiramente indiferente à nossa entrada, um mulato esquelético, que parecia tísico. Era simples. Benedito mudou o casaco e aproveitou a ocasião para mostrar-me quatro ou cinco sinais de facadas e de balaços no corpo seco e musculoso. Depois, cuspiu:

- Epa, José, fecha...

Um dos machos que dormiam embrulhados em colchas de chita ergueu-se, e saímos os dois sem olhar para trás. Era tempo. Fora, afinando os instrumentos, interminavelmente, os seresteiros estavam

mesmo como paus-d'água e já se melindravam com referências à maneira de cantar de cada um. Então, resolvemos bater à porta da caverna de João Rainha, formando um barulho formidável. À porta – não era bem porta, porque abria apenas a parte inferior, obrigando as pessoas a entrarem curvadas – clareou uma luz, e entramos todos. Numa cama feita de taquaras dormiam dois desenvolvidos marmanjões, no chão João Rainha e um rapazola de dentes alvos. Nenhuma surpresa, nenhuma contrariedade. Estremunharam-se, perguntaram como eu ia indo, arranjaram com um velho sobretudo o lugar para sentar-me, hospitaleiros e tranqüilos.

- Nós trouxemos ceia! – gaguejou um modinheiro.

Aí é que lembramos o pão e o queijo, esmagados, amassados entre o braço e o torso do seresteiro. Havia, porém, cachaça – a alma daquilo – e comeu-se assim mesmo, bebendo aos copos o líquido ardente. O jovem soldadinho estirou-se na terra. Um outro deitou-se de papo para o ar. Todos riam, integralmente felizes, dizendo palavras pesadas, numa linguagem cheia de imprevistas imagens. João Rainha, com os braços muito tatuados, começou a cantar.

- O violão está no norte e você vai pro sul, comentou um da roda.

João da Rainha esqueceu a modinha. E, enquanto o silêncio se fazia cheio de sono, o cara de papo pro ar desfiou uma outra compridíssima modinha. Olhei o relógio: eram três e meia da manhã.

Então, despertei-os com três ou quatro safanões:

- Rapaziada, vou embora.

Era a ocasião grave. Todos, de um pulo, estavam de pé, querendo acompanhar-me. Saí só, subindo depressa o íngreme caminho, de súbito ingenuamente receoso que essa *tournée* noturna não acabasse mal. O soldadinho vinha logo atrás, lidando para quebrar o copo entre as mãos.

- Ó tenente, você vai hoje à Penha ?

- Mas nem há dúvida.

- E logo vem ao samba das V ioletas ?

- Pois está claro.

Atrás, o bolo dos seresteiros berrava:

*O morro de Santo Antônio
Já não é morro nem nada...*

E quando de novo cheguei ao alto do morro, dando outra vez com os olhos na cidade, que embaixo dormia iluminada, imaginei chegar de uma longa viagem ao um outro ponto da terra, de uma corrida ao arraial da sordidez alegre, pelo horror inconsciente daquela miséria cantadeira, com a visão dos casinhotos e das caras daquele povo vigoroso, refestelado na indigência em vez de trabalhar, conseguindo bem no centro de uma grande cidade a construção inédita de um acampamento de indolência, livre de todas as leis. De repente, lembrei-me que a varíola cairia ali ferozmente, que talvez eu tivesse passado pela toca dos variolosos. Então, apressei o passo de todo.

Vinham a empalidecer na pérola da madrugada as estrelas palpitantes e canoramente galos cantavam por trás das ervas altas, nos quintais vizinhos.

TEXTO No. 10: "SONO CALMO"

Natureza e data do texto:

Crônica de João do Rio, publicada em um dos seus livros mais famosos, *A alma encantadora das ruas* (1907).

“Os delegados de polícia são de vez em quando uns homens amáveis. Esses cavalheiros chegam mesmo, ao cabo de certo tempo, a conhecer um pouco da sua profissão e um pouco do trágico horror que a miséria tece na sombra da noite por essa misteriosa cidade. Um delegado, outro dia, conversando dos aspectos sórdidos do Rio, teve a amabilidade de dizer:

- Quer vir comigo visitar esses círculos infernais ?(...)

À hora da noite quando cheguei à delegacia, a autoridade ordenara uma caça aos pivettes, pobres garotos sem teto, e preparava-se para a excursão com dois amigos (...)

O delegado sorria, preparando com o interesse de um maître-hôtel o cardápio das nossas sensações.

Afinal ergueu a bengala.

- Em marcha!

Descemos todos, acompanhados de um cabo de polícia e de dois agentes secretos (...). É perigoso entrar só nos covis horrendos, nos trágicos asilos da miséria. Iamos caminhando pela Rua da Misericórdia, hesitantes ainda diante das lanternas com vidros vermelhos. Às esquinas, grupos de vagabundos e desordeiros desapareciam ao nosso apontar (...)

Há muitos desses covis espalhados pela cidade ? indagou o advogado (...)

- Em todas as zonas, meu caro.

- Em cinco noites, visitando-os depressa, informou o agente, V.Sa. não dá cabo deles. É por aqui, pela Gamboa, nas ruas centrais, nos bairros pobres. Só na Cidade Nova, que quantidade! Isso não contando com as casas particulares, em que moram vinte e mais pessoas, e não querendo falar das hospedarias só de gatunos, os ‘zungas’. (...)

O soldado bateu à porta com a mão espalmada. Houve um longo silêncio. O soldado tornou a bater. De dentro, uma voz sonolenta indagou:

- Quem é ?

- Abra! É a polícia! Abra!

O silêncio continuou. Nervoso, o delegado atirou a bengala à porta.

- Abra já! É o dr. delegado! Abra já! (...)

O mau cheiro era intenso.

- Mostre-nos isso! Fez a autoridade, minutos depois.

- Não há acusação contra a casa, há sr. doutor ?

- Não sei, ande. (...)

E começamos a ver o rés-do-chão, salas com camas enfileiradas como nos quartéis, tarimbas com lençóis encardidos, em que dormiam de beijo aberto,

babando, marinheiros, soldados, trabalhadores de face barbuda. Uns cobriam-se até o pescoço. Outros espapaçavam-se completamente nus.

A mando da autoridade superior, os agentes chegavam a vela bem perto das caras, passavam a luz por debaixo das camas, sacudiam os homens do pesado dormir. Não havia surpresa. Os pobres entes acordavam e respondiam, quase a roncar outra vez, a razão porque estavam ali, lamentavelmente. (...) O delegado, entretanto, gozava aquele espetáculo. (...)

- Subamos ao último andar!

Havia com efeito mais um andar, mas quase não se podia lá chegar, estando a escada cheia de corpos, gente enfiada em trapos, que se estirava nos degraus, gente que se agarrava aos balaústres do corrimão – mulheres receosas da promiscuidade, de saias enrodilhadas. Os agentes abriam caminho, acordando a canalha com a ponta dos cacetetes. Eu tapava o nariz. A atmosfera sufocava. (...) Em cima, então, era a vertigem. A sala estava cheia. Já não havia divisões, tabiques, não se podia andar sem esmagar um corpo vivo. A metade daquele gado humano trabalhava; rebentava nas descargas dos vapores, enchendo paióis de carvão, carregando fardos. (...)

Grande parte desses pobres entes fora atirada ali, no esconderijo daquele covil, pela falta de fortuna. Para se livrar da polícia, dormiam sem ar, sufocados, na mais repugnante promiscuidade. (...)

- Não se emocione, disse o delegado. Há por aqui gatunos, assassinos, e coisas ainda mais nojentas. (...)

Não se sabia onde acabara o pesadelo, onde começara a realidade.

- Basta, dizia o adido, basta. Já tenho uma dose suficiente.

- Também é tudo a mesma coisa. É ver uma, é ver todas. (...)

Neste momento ouviu-se o grito de pega! Um garoto corria. O cabo precipitou-se.

Já outros dois soldados vinham em disparada. Era a caçada aos garotos, a 'canoa'. A 'canoa' vinha perto. Tinham pegado uns vinte vagabundos, e pela calçada, presos, seguidos de soldados, via-se, como uma serpente macabra, desenrolar-se a série de miseráveis trêmulos de pavor.

- Canalhas! Bradou o dr. Delegado. E ainda se queixam que eu os mande prender para dormir na estação.

- Nós devíamos ter asilos, instruiu o adido.

- É verdade, os asilos, a higiene, a limpeza. Tudo isso é muito bonito. Havemos de Ter. Por enquanto Nosso Senhor, lá em cima, que olhe por eles!"

TEXTO No. 11: A FAVELLA NA DÉCADA DE 20

Natureza e data do texto:

Crônica de Orestes Barbosa acerca do Morro da Favella, publicada no livro *Bambambã* em 1923. O autor, de origem popular, autor do antológico "Chão de Estrelas", era um agudo cronista da vida carioca, que retratava de forma original (usando gírias de época) e inusitada (esteve preso e escreveu crônicas da prisão). Edição utilizada: Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, 1993. 2.ed. (Biblioteca Carioca).

“A FAVELA

O morro da Favela ficou como uma lenda na cidade, entretanto, nada mais real do que os seus mistérios.

Pouca gente já subiu aquela montanha – raríssimas pessoas chegaram a ver e a compreender o labirinto das baiúcas, esconderijos, sepulturas vazias e casinhas de portas falsas que formam toda a originalidade do bairro terrorista onde a polícia do 8º distrito não vai.

Os *chauffeurs*, depois de dez horas da noite, não aceitam passagem para a rua da América.

Os bondes depois dessa hora passam a nove pontos, e o motorneiro e o condutor levam nas mãos as suas pistolas engatilhadas.

**

A Favela não é mesmo graça.

Quem vai pela rua da América bem sabe que já nesta rua devia sentir temor...

Ao longe a Favela tem até uma aparência poética – aqueles casebres que dão idéia de pobreza resignada, alguns arbustos descontentes com o terreno em que vivem, e os lampiões, em pontos diferentes, tortos, como bêbados, piscando o olhar cá para baixo. Mesmo de dia, observada por um visitante, que lhe desconheça a vida íntima, a Favela é tristonha e ordeira – tem uns ares de sono, de acabrunhamento, como se pensasse na sua própria vida.

O leitor já visitou o Museu do Crime, na Polícia Central ?

Lá está uma caveira trespassada por um punhal.

É o crânio de um marinheiro que foi apunhalado assim na Favela.

Sem mutilar-lhe o crânio não se podia tirar o punhal.

Para que mutilar ?

Foi sepultado assim.

Fizeram anos depois, por ordem da polícia, a exumação do cadáver e o crânio, como um *ex-libris* futurista, lá está mostrando como a Favela no crime é original.

Para que um agente da autoridade role morto naquelas rampas – um agente ou um *bambambã* que faça qualquer *presepada* num samba, ou queira tapear na divisão de um toco – não há ensaios.

As amantes dos moradores da Favela vivem, de dia, quase em ociosidade.

De quando em quando, uma delas surge, de uma biboca, com uma lata d'água à cabeça.

E nisto consiste a maior ocupação das *famílias* daquele bairro.

Não têm casa para arrumar.

Os filhos não vão ao colégio.

Não há também muita roupa para lavar.

Andam em frangalhos.

Negras de longas mamas balançando entre quatro trapos de corpinho, com a saia sungada nas nádegas, mostrando toda a perna, passam o dia na tagarelice das vendas sórdidas – que são os *bars chics* dali – ou nas pocilgas, deitadas em esteiras descosidas, praticando o vício.

Há sempre, nesses *tambos* [covis], *barbianas* [amásias de gatunos] de carnes luzidias e fogosas – odaliscas de galho de arruda atrás da orelha e cachimbo de cabo de bambu.

Os gatunos, às horas mortas, sobem ali e durante o dia por ali ficam, porque o chefe de polícia da Favela não é desembargador nem general – é o José da Barra, com quem o chefe de Polícia da capital da República não quer conversa.

Macaco é outro.

Quem quiser que pegue em rabo de foguete.

O José da Barra é cabo eleitoral de gente importante, e, além disso, se ele quiser, ninguém sobe lá.

Quando chega à delegacia do 8º distrito a notícia de que há *dança de rato* na Favela, o comissário de serviço fica surdo no telefone:

- Não estou ouvindo nada. Fale mais alto!
- Olha, *seu* Sampaio: quem fala aqui é o guarda rondante da travessa Rego Barros.
- Mas que é? Não entendo!...
- O João do Brum e a quadrilha assaltaram, há pouco, um chauffeur aqui.

Para que o homem não pudesse guiar o automóvel, retalharam-ne as mãos à navalha. E o João Brum deu-lhe ainda um tiro no pé.

- Como ?
- O João do Brum...
- Não escuto nada. A linha está horrível...

Desliga e diz para o prontidão da delegacia:

- Esta Light...

Se o guarda toma o alvitre de vir falar pessoalmente ao comissário, este diz, com uma voz comovida:

- Você resolva. Você é um policial excelente. Vá lá. Fale ao José da Barra. Aonde está o João do Brum ? Está na casa dele ? Pois vá lá. Fale em meu nome. Tudo o que você fizer está bem feito.

- Quando o policial é novato, fica cheio de vento e vai ver mesmo a coisa de perto.

E morre – o que já tem acontecido a uma porção.

O comissário fica fresquinho, na delegacia, fazendo a parte e tomando café.

O chefe de polícia, José da Barra, é um personagem que se impôs pela valentia e pelo aparente bom senso das suas decisões.

Os criminosos analfabetos que vivem ali na mais impune liberdade, elegeram, sem sentir, um chefe que é esse José.

Aquele mono de aparência tranqüila tem a sua vida própria – vida intensa, misteriosa, que, à primeira vista, ninguém pode penetrar.

O criminoso tem seus princípios.

Um gatuno pode roubar um cidadão, menos um gatuno.

Nós dizemos que ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão. Um larápio que vá atrás desse brocardo, para ver o que lhe acontece...

É preciso ser leal na carreira do crime.

Vá assaltar a casa do relojoeiro Laboriau, em Santa Teresa.

Estrangule o negociante Castro Guedes, na rua Canabarro, mas deixe em paz a roupa nova do moleque Tancredo, que custou um susto e uma carreira.

Não está direito ?

José da Barra existe por isto: é o chefe celerado dos celerados.

E os criminosos compreendem a utilidade pública do José da Barra, porque sem o José da Barra o Três de Copas afanaria aquele terno de roupa do moleque Tancredo e seria um nunca mais se acabar.

O José da Barra dirige tudo e a vida corre sem perturbação.

Se a polícia achar que aquilo deve mesmo acabar, leve para lá uma força de linha e bombardeie.

Já fica sabendo que bombardeia casebres vazios.

A população da favela é oscilante.

A Favela, quando vê que não pode matar a polícia, não aceita a luta e foge para todos os lados em que tem saída.

Fugirá, por isso, em tempo.

E quando a força de linha desguarnecer a região conflagrada, a população voltará toda, bela e formosa.

**

Como Madureira e D.Clara, a Favela reúne o que há de eminente no nosso mundo criminal.

Mas, também em Madureira e D.Clara, se o leitor saltar, alta noite, há de dizer consigo mesmo que tudo isso é mentira dos cronistas dos jornais.

O leitor principiará vendo tudo deserto e em silêncio.

Mas se o leitor sair da estação, talvez não volte para desmentir o escritor...

Se entrar pela travessa Carlos Xavier ou pelas *bananeiras* verá o monte [jogo de cartas] fervendo em mesas toscas com os punhais cruzados num sinal apavorante de união ou morte...

Marinheiros, soldados, fuzileiros navais, ladrões do mar e rebombeiros das docas Floriano arriscam, sofregamente, as moedas escassas, num jogo que é comumente o prólogo do último dia, como o foi para o Vicente Vigorito, negociante de bois, apunhalado e saqueado por João Agi que era o seu amigo do coração...

**

- Então o Rio é um mistério ?

O leitor quer saber.

Eu digo o que sei – o Rio tem algumas novidades em artigo nacional...

O Rio tem a Favela, D.Clara e Madureira; tem o Portugal Pequeno, o Buraco Quente e o Recreio das Paraguaias...

Nesses bairros vive um povo diferente dos outros arrabaldes e subúrbios daqui.

Botafogo tem o High-Life, o Club dos Diários e as pensões *chics* – o Recreio das Paraguaias tem o *rendez-vous* da Emiliana, uma preta obesa que fornece mulheres e vatapá.

Botafogo toma ópio na rua do Roso ou no beco dos Ferreiros, que não oferece perigo, porque os bandidos não gostam de ópio e não vão lá – o largo do Rocio janta na casa da Marocas ou na Georgina, mulata macia da rua Morais e Vale...

A um baile do Lírio do Aragão, que custa 1\$100 (1\$000 a entrada e um tostão do chapéu), o dr. Humberto Gottuzo não vai.

Vai à casa da Olímpia, à rua Carlos de Carvalho, onde também vai o senador Alfredo Ellis, porque ali, o mais que lhe pode suceder é ser pilhado de cuecas, com as calças penduradas no bico de gás, como naquele dia em que o delegado Lucena, procurando a demissão, fez aquela *canoas* [diligência policial] sensacional.

Há, sem dúvida, duas cidades no Rio.

A Misteriosa é a que mais me encanta.

Eu gosto de vê-la na luta contra a outra – a cidade que todos têm muito prazer em conhecer...

Tão viciado e tão perverso quanto a Favela, mas muito mais obtuso, Botafogo não me entusiasma porque é postiço.

Na Favela o observador vê uma sociedade de espíritos excepcionais.

Talvez a miséria apure os sentidos.

Seja como for, o pessoal do *banga la fumenga* [baile na zona dos malandros] mostra aos olhares curiosos a beleza de uma batalha em que o talento, a graça e a coragem aparecem na mais franca exibição.

Sem imunidades parlamentares, sem dinheiro para comprar juizes, promotores ou desembargadores da Corte de Apelação, a Favela mata sempre que é preciso matar.

Sem ter sido colega de turma do dr. Pontes de Miranda, **a Favela tem talento e humor de fazer inveja.**

Cada vagabundo da rua é uma inteligência espontânea, criadora de frases que logo a cidade toda aceita e não sabe criar.

Da Favela e zonas congêneres saem a modinha e o samba que as melindrosas mandam comprar, cantam e dançam, com vontade logo de meter a perna de uma vez e quebrar no maxixe autêntico, que é muito mais gostoso que o fox-trott.

E mais prático...

**

Pai João

Pai José

Hoje você me maltrata

Amanhã, você me qué...

**

O povo desses locais escusos é próprio.

São como são, naturalmente, na sua mistura, no seu imprevisto, no seu horror.

E por isso tudo é admirável.

Eu gosto da Favela.”

TEXTO No. 12: A FAVELA SEGUNDO UM JORNALISTA

Natureza e data do texto:

Benjamin Costallat (1897-1961), bacharel em Direito (RJ) foi jornalista e literato, tendo "nacionalizado" o folhetim com sucesso. Escreveu uma série de crônicas encomendadas pelo *Jornal do Brasil* acerca dos subterrâneos da cidade do Rio de Janeiro e que posteriormente serão publicadas sob o título de *Mistérios do Rio* em 1924. Edição utilizada: Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, 1995. (Biblioteca Carioca).

“A FAVELA QUE EU VI

- Vamos ao morro do crime ?...
- Vamos...

A Favela, ao longe, com os seus casebres minúsculos, parecia um presépio imenso.

Descemos na Rua da América. Uma das ruas mais sórdidas do Rio de Janeiro. Enlameada, imunda.

Ligada ao morro do Pinto pela Ponte dos Amores, A Favela, com seus casebres, rebrilhava ao sol.

Ponte dos Amores!...

Ela bem que podia se chamar Ponte dos Suspiros, como a sua colega de Veneza.

Apesar de não ser de mármore, como a ponte dos doges, e sim de madeira muito tosca, a ponte que liga o Pinto à Favela tem visto também suspirar muita gente. Tem visto muito suspiro de agonia...

Há bem pouco tempo, assaltava-se em pleno dia, na Ponte dos Amores. À noite, matava-se.

Hoje, tudo está melhor.

Mas ainda é perigosa, muito perigosa, a ponte de madeira, agasalhadora dos amores violentos dos malandros e das crioulas...

A rua da América estendia-se, poeirenta.

À sua frente, do outro lado de um enorme paredão de pedras, cruzavam-se trens, apitando, enfumaçados, em manobras pelos desvios, a toda velocidade pelas linhas, com ruídos de ferros, numa iluminação de vapor.

Bondes passavam levantando poeira.

Vinha um automóvel, aos solavancos, pelos buracos da rua.

Casas de sobrado, muito feias, muito sujas, todas fechadas, como se seus habitantes ainda estivessem dormindo àquela hora de manhã resplandescente.

- Quase todos os moradores desta Rua da América são ladrões e intrujões. O intrujão é o negociante do roubo. É o comprador e vendedor do objeto roubado... Com a Favela, esta zona daqui é a que mais fornece pensionistas para as prisões. Lá em cima, no morro, é o crime, é a facada, a violência, a vingança, a valentia; cá embaixo, na Rua da América, é o roubo, é a astúcia, é o profissional da gazua e do pé-de-cabra...

- Mas então as especialidades estão assim tão bem separadas ?

- O crime tem seus especialistas e sua perfeita organização. Assim é que no morro do Pinto só moram vigaristas. Não há confusão. Cada especialista no

crime tem a sua zona predileta para morar. E não é, geralmente, a zona em que ele age. O ladrão não mora no lugar onde ele opera. Se você quiser estar garantido contra o roubo, venha morar, com toda a paz de espírito, aqui na rua da América...

- Não, muito obrigado...

Tínhamos chegado à subida da Favela, uma das muitas entradas do morro sinistro.

Quando as turmas de agentes dão batidas na Favela, para prender um criminoso renitente, refugiado e escondido no alto do morro, os policiais são distribuídos pelas várias entradas. Combinado o ataque para uma determinada hora, produz-se um verdadeiro assalto, subindo polícia por todos os lados, pela Saúde, pela Gamboa, pela Marítima e pelo Pinto.

Estávamos na subida que desemboca na Rua da América e que é conhecida por 'Pedra Lisa'.

É um caminho de cabras. Não se anda, gravita-se. Os pés perdem a função normal de andar, transformam-se em garras.

Primeiro é uma rampa forte, talhada na própria rocha. Depois são pequenos degraus – e que degraus ! – esperanças de degraus, degraus esboçados na rocha viva, escorregadios, perigosos, traiçoeiros; e lá embaixo é a rua, o precipício, a grande possibilidade de se quebrar o pescoço.

Anda-se. Sobe-se. Vai-se para adiante como por um milagre.

E quanto mais se sobe, mais se arrisca um tombo fatal, a uma queda na pedreira imensa.

Falavam-me sempre do perigo de subir à Favela. Nos seus terríveis valentes. Nos seus malandros que assaltam com a mesma facilidade com que se dá bom-dia.

O maior perigo que encontrei na Favela foi o risco, a cada instante, de despencar-me de lá de cima pela pedreira ou pelo morro abaixo.

E dizer que há uma população inteira que todos os dias desce e sobe a Favela, mulheres que fazem o terrível trajeto com latas cheias de água na cabeça, e bêbedos, alegres de cachaça, as pernas bambas, ziguezagueando, por cima dos precipícios, sem sofrer um arranhão!...

Os pequeninos casebres feitos de latas de querosene também suspendem-se no ar, por cima de verdadeiros abismos, num milagre de equilíbrio, mas também não caem.

Deus protege a Favela!...

E a Favela merece a proteção divina porque ela é alegre na sua miséria.

Aquela gente, que não tem nada, dá uma profunda lição de alegria àqueles que têm tudo.

Sem higiene, sem conforto, naqueles pequeninos casebre fétidos e imundos, que se arriscam, a cada instante, a voar com o vento ou a despencar-se lá de cima; aquela população de homens valentes – estivadores, carvoeiros, embarcadiços – e de mulheres anemiadas e fracas, e de crianças mal alimentadas e em trapos, cria porcos, bebe cachaça, toca cavaquinho e canta!...

À noite, tudo samba.

Apesar da miséria em que vive, toda a Favela, sambando, é feliz sob um céu salpicado e lindo de estrelas!...

A Favela não tem luz. Não tem esgotos. Não tem água. Não tem hospitais. Não tem escolas. Não tem assistência. Não tem nada...

Mas a Favela é alegre, lá em cima de seu esconderijo, com o maravilhoso panorama da cidade que se desdobra aos seus pés.

A Favela que samba, quando deveria chorar, é um maravilhoso exemplo para aqueles que têm tudo e ainda não estão satisfeitos...

Pobre e admirável Favela !...

Subimos, fomos subindo.

A Favela não tem ruas.

As choupanas se fazem umas sobre as outras, à vontade do proprietário.

O terreno é de ninguém, é de todos...

A sarjeta, a rua, o esgoto, é tudo a mesma coisa, e essa mesma coisa é uma enorme vala onde se passa aos pulos, saltando-se de buraco em buraco, e onde os porcos engordam, imensos e sonolentos, e as porcas, de ventre para o ar, as mamas inchadas de leite, alimentam a voracidade de uma quantidade de porquinhos...

A Favela tem seu comércio. Comércio exclusivamente feito de vendas, onde o parati é artigo de primeira necessidade.

As vendas são construídas pelo mesmo processo da lata de querosene, pregadas umas nas outras, tendo as fachadas mais fantasistas, conforme os rótulos das latas e a felicidade com que foram pregadas.

É um estilo que não se vê na Avenida Atlântica.

É o estilo próprio e inconfundível da Favela !

Estamos no 'quarteirão' denominado 'Portugal Pequeno', zona de portugueses.

- Aqui não há cinema ?

Fizemos essa pergunta a uma negra, ainda moça e faceira, que na porta de seu casebre de zinco procurava alisar a carapinha.

- Pra que cinema ?

E os olhos brilhando de inteligência e de malícia, a crioula caiu numa grande gargalhada.

- Cinema ? Oh! meu santo ! Pra quê ? Mas não é 'perciso' ! Temos aqui cinema todo dia, toda hora. Olhe, ainda a semana passada, 'tá' vendo aquele barracão vermelho, lá 'prus' lado do 'Buraco Quente', uma crioula pegou fogo nas suas saias com querosene e se alumiu toda que nem uma fogueira ! Tudo isso por causa de um menino bonito, de um 'gigolote', como vocês chamam lá embaixo!... 'Pra' que cinema ? Temos cinema todos os dias. Mulheres nuas, tiros, facadas, paus-d'água. 'Pra' que cinema na Favela, se a Favela já é um cinema ? 'Pra' que cinema, meu santo ?...

- A vida aqui é boa ?

- É, vivo com o meu homem que trabalha no carvão dos 'navio'. É português, mas chega preto em casa...

- O homem é ciumento ?

- 'Terrive' ! ... Não me deixa nunca ir lá embaixo sem ele... Qualquer coisa que 'percise': fósforos, feijão, arroz, ele mesmo é que traz ! Qualquer desconfiança que tenha, lá vem bordoadada.

A negra suspirou:

- É, mas sou feliz. Tenho experiência. Deixei aquela 'bagunça' lá embaixo e agora vivo quietinha no meu canto... Já é tempo de descansar!...

(...)

O Rio desdobrava-se, com as suas casarias minúsculas, numa extensão imensa. O canal do Mangue era uma reta de palmeiras, pequeninas, como as árvores japonesas. As estradas de ferro, rasgando a cidade de trilhos, pareciam um brinquedo de criança. Na bafa, o *Minas Gerais* tinha proporções de um couraçado de bazar...

Estávamos, em plena Favela, fora do mundo.

Vinha-me, então, ao espírito, a crônica terrível do morro sinistro, o morro do crime.

Encravada no Rio de Janeiro, a Favela é uma cidade dentro da cidade. Perfeitamente diversa e absolutamente autônoma. Não atingida pelos regulamentos da prefeitura e longe das vistas da Polícia.

Na Favela ninguém paga impostos e não se vê um guarda civil. Na Favela, é a lei do mais forte e do mais valente. A navalha liquida os casos. E a coragem dirime todas as contendas.

Há muito crime, muita morte, porque são essas as soluções para todos os gêneros de negócios – os negócios de honra como os negócios de dinheiro.

Na Favela, não há divórcios, porque ninguém se casa. Não se fazem contratos. Não há inquilinos, nem senhorios. Não há despejos.

Se o inquilino é mais forte do que o senhorio, o aluguel nunca é pago. Se o senhorio for mais valente, então, sim, a casa é paga, pontualmente, todos os começos do mês...

É a lei de inquilinato da Favela !

A bofetada e a navalha resolvem tudo...

É natural que os valentes e os malandros procurem a Favela, como uma moradia ideal. É um refúgio e um paraíso.

Precisam de dinheiro ? Vão buscá-lo no bolso dos outros.

Assim viviam Sete Coroas e seus companheiros.

Assaltavam, roubavam, matavam com uma simplicidade comovedora.

Durante a [epidemia de gripe] 'espanhola', subiu um padre à Favela para distribuir esmolas entre as famílias necessitadas.

Os malandros arrancaram a batina do padre, deram-lhe uma formidável surra e lhe levaram todo o dinheiro !...

Nada mais comum.

Mas, um dia, chegou à Favela um homem – Zé da Barra. Vinha da Barra do Piraí. Já trazia grande fama. Suas proezas eram conhecidas. Era um valente, mas um grande coração. E Zé da Barra chegou e dominou a Favela...

E a Favela, que não conhece polícia, não conhece impostos, não conhece autoridades, conheceu Zé da Barra e a ele teve que obedecer !

E Zé da Barra ficou sendo o chefe incontestável da Favela !

Para defender o seu prestígio, Zé da Barra tem a sua coragem e a sua força. E, principalmente, um formidável cacete que cai como um raio na cabeça dos malandros. Ele também é capoeira. Ele também é valente. O rei

dos valentes. E, todos os dias, em rixas, em barulhos, em ‘bagunças’, ele tem que defender o seu reinado...

A casa de Zé da Barra, o presidente da pequena república da Favela, é a única que tem telhado, feito de telha, de boa e verdadeira telha francesa.

É também a maior venda do morro, onde o consumidor tem um legítimo balcão de madeira para beber o seu parati.

Quando lá chegamos, Zé da Barra veio ao nosso encontro, sorridente, amável, os pés espalhados, o andar moroso dos malandros.

- ‘Seu’ José, viemos ver essa Favela tão falada...

- Agora está tudo calmo por aqui. Só a semana passada é que houve uma morte. Uma rixa depois de um samba. Mas agora está tudo tranqüilo.

- Olho para Zé da Barra. É um mulato alto, forte, corpulento, o ar simpático, exprimindo-se bem. Tem a fisionomia autoritária e boa de um legítimo chefe. E como um legítimo chefe oferece-nos a sua hospitalidade e o seu almoço.

Almoçamos com Zé da Barra. E nunca comi uma galinha tão gostosa !

À hora do café, acesos os charutos, o chefe da Favela nos contou a sua história:

- Cheguei da Barra do Piraí ainda moço. Mas já trazia o meu prestígio. Aqui na Favela tenho lutado muito, mas tenho sido, graças a Deus, feliz ! Várias emboscadas têm me sido armadas. Mas tenho me saído bem de todas elas. A última vez escapei por milagre. Ia subindo o morro, tarde da noite, quando atrás das pedras alvejaram-me a tiros.

(...)

Não podíamos deixar o morro, sem visitar o ‘Buraco Quente’, a zona mais perigosa da Favela, a zona em que Sete Coroas imperou, espalhando o terror e a morte.

Zé da Barra nos dissera:

- Sete Coroas não era o pior. Foi o que ganhou mais fama. Mas não era o pior. Terríveis eram seus dois companheiros que morreram: o Camisa e o Benedito.

- Morreram os dois ?

- Morreram. O Camisa morreu num pavoroso tiroteio com a polícia, aqui no Buraco Quente...

- E o Benedito ?

- Ah! O Benedito foi encontrado morto. Mas, na véspera, ele tinha sido descoberto pela polícia na casa de uma velha, onde havia se refugiado...

- Então, foi a polícia que assassinou ?!

- Não sei. São mistérios...

Não insistimos. Zé da Barra não queria contar o que sabia sobre a verdadeira morte do malandro Benedito, assassinado pela polícia em represália à morte de dois agentes do Corpo de Segurança.

(...)

Vinha descendo a noite sobre a baía.

Já era hora de nos retirarmos, de descermos por aquelas rampas perigosas.

Nos casebres, lâmpadas de querosene já se iam acendendo, pouco a pouco...

Com muito custo descemos, chegamos, finalmente, à rua, ao pé do morro. Voltávamos à vida, à cidade, com luz, com ruas, com bondes. (...)

TEXTO No. 13: AGACHE E A "SOLUÇÃO" PARA AS FAVELAS

Natureza e data do texto:

Alfred Agache foi um urbanista francês contratado pela Prefeitura do então Distrito Federal no ano de 1927 para elaborar um plano de "remodelação, extensão e embelezamento" da cidade do Rio de Janeiro. No seu relatório, publicado em 1930 (*A cidade do Rio de Janeiro, remodelação, extensão e embelezamento*. Paris: Foyer Brèsilien) ele dedica um capítulo às favelas, vendo-as enquanto sério problema (incêndios, infecções epidêmicas) e propondo uma solução:

"as favelas constituem um perigo permanente para todos os bairros através do que se infiltra. A sua lepra suja a vizinhança das praias e os bairros mais graciosamente dotados pela natureza...

Sua destruição é importante não só pelo ponto de vista da ordem social e da segurança como sob o ponto de vista geral da cidade e de sua estética."

(*Apud* ABREU, Maurício de A. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPLAN-RIO/Jorge Zahar ed.2.ed.pp.88-89, citado por QUIROGA, Ana Maria, "Violência e dominação: as favelas voltam à cena", *In: Sociedade e Estado*, X(2), 1995, p.433)

A origem das favelas seria a seguinte:

"Pouco a pouco surgem casinhas pertencentes a uma população pobre e heterogênea, nasce um princípio de organização social, assiste-se ao começo do sentimento de propriedade territorial. Famílias inteiras vivem ao lado uma da outra, criam-se laços de vizinhança, estabelecem-se costumes, desenvolve-se pequeno comércio: armazéns, botequins, alfaiates etc. (...) É um fato curioso, grave sob o ponto de vista social visto estimar-se a população das favelas em 200.000 almas, grave igualmente porque o abandono a uma liberdade individual ilimitada criada dos sérios obstáculos não só do ponto de vista da ordem social e da segurança, como sob o ponto de vista da higiene geral da cidade sem falar da estética."

Como solução, propõe a transferência da população 'provisória' e sua substituição:

"Os morros que confinam com o porto, os da Conceição, da Providência e do Pinto, devido a sua proximidade do centro comercial e das vantagens higiênicas que lhes confere a sua

elevação, poderão ser facilmente remodelados em vilas de residência para os pequenos funcionários e os pequenos empregados do comércio."

(*Apud* ZYLBERBERG, *Opus cit.*, p.33)

TEXTO No. 14: COMENTÁRIO SOBRE O PLANO AGACHE

Natureza e data do texto:

O plano de Alfred Agache mereceu um comentário desfavorável por parte de Annibal Bonfim, publicado na *Revista Para Todos* em 24 de setembro de 1927 com o título "Descobrimo a Favela: habitações sórdidas descortinando paisagens maravilhosas". *Apud* ZYLBERBERG, *Opus cit.*, p.111.

"Descobrir a Favela, eis a última moda!!!

Marinetti, Agache, o Prefeito, todos... a lançaram.

Resolvi também fazer minha descobertazinha. Brasileiro, criado no Rio e aqui vivendo há trinta anos, lembro-me da admiração com que ouvia contar as lendas da Favela na minha meninice... impressão de castelo inexpugnável onde se foram refugiar os desordeiros da Gamboa e da Saúde... senti sempre que a Favela devia permanecer o reduto último da malandragem. Acho que aquilo é parte integrante do nosso Rio, é a única tradição carioca em que os vários prefeitos modernizadores não puderam tocar.

... Não seria talvez, uma boa idéia deixá-lo lá nas alturas, onde o ar oxigenado e o sol purificador combatem em grande parte a falta de higiene das casas onde moram ?

Este é o meu ponto de vista, depois da visita que fiz ao famoso morro.

Acabem com as 'favelas' disseminadas nas encostas dos morros de Copacabana, de Vila Isabel e pelos vales do Leblon; urbanizem esses pontos facilmente acessíveis a novas linhas de bondes e outros meios de transporte. Deixem, porém, a Favela verdadeira entregue a seus primitivos donos. Aquilo é quase inexpugnável e não é o empregado de comércio nem o funcionário público que subirá uma escada de 166 degraus, depois de galgar uma ladeira íngreme de mais de um quilômetro. Os desordeiros que lá habitam amam a liberdade e a beleza natural - deixem-nos lá ficar..."